



Centro de Humanidades - Departamento de Letras

Curso de Licenciatura Plena em Letras

ANA LÚCIA MATIAS

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA

GUARABIRA-PB

2014

ANA LÚCIA MATIAS

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientador(a): Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva.

GUARABIRA-PB

2014

M433i Matias, Ana Lúcia

A importância da literatura infantil na escola [manuscrito] : /
Ana Lucia Matias. - 2014.
17 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva,
Departamento de Letras".

1. Literatura infantil. 2. Contação de estórias. 3. Ensino-
aprendizagem. I. Título.

21. ed. CDD 808.068

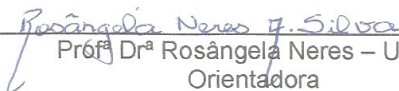
ANA LÚCIA MATIAS


A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA


Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Aprovado em 05 de dezembro de 2014.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Rosângela Neres – UEPB
Orientadora


Prof. M^s. João Paulo Fernandes – UFPB
Examinador


Prof.^a Dr.^a Maria Neni de Freitas – UEPB
Examinadora

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA

MATIAS, Ana Lúcia¹

RESUMO

O presente artigo tem por finalidade tratar da importância da literatura infantil, para o desenvolvimento da aprendizagem da criança, na educação básica, reconhecendo ser a infância o principal período de início da leitura perceptiva e criativa. Nesse sentido, a contação dos contos clássicos e modernos torna-se essencial para a construção dos conhecimentos e habilidades. Utilizamos as bases teóricas de autores como Abramovich, Chalita, Zilberman, Bettelheim, Cortes, Nelly Novais Coelho, dentre outros, para fundamentar a discussão sobre a literatura infantil e sua importância na escola., entre outros, que nos permitiram uma melhor compreensão da temática. Por fim, realizamos uma leitura de Cinderela, na versão clássica e na versão moderna, observando como os textos podem desenvolver a leitura e interpretação efetiva da criança.

Palavras-chave: Literatura infantil. Contação de histórias. Ensino-aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

As mais antigas civilizações já demonstravam um grande fascínio pelas histórias de contos de fadas. A partir da organização dos contos da tradição oral em registros escritos, houve também uma preocupação pedagógica em relação a essas histórias. Assim, os textos para criança assumiram um caráter moralizante e serviam sobretudo para ensinar uma lição (CUNHA, 2006).

Ao longo do tempo, a literatura infantil tem se tornado uma das principais ferramentas para a formação do indivíduo. A contação de histórias, uma prática advinda da tradição oral, é utilizada por muitos professores das séries iniciais, uma vez que muitas das crianças nessa fase escolar ainda não sabem ler. (ABRAMOVICH, 1997).

¹ Graduanda em Letras, no período 2014.2, sob orientação da Profa Dra Rosângela Neres Araújo da Silva. E-mail: almatias977@gmail.com

Zilberman (1984) aponta que, desde muito cedo, uma parte significativa da aprendizagem infantil se processou através do ouvir estórias. A importância que os contos apresentam no desenvolvimento da criatividade e da imaginação do indivíduo, possibilitando a formação da personalidade em seus aspectos cognitivos, intelectuais, sociais, culturais e emocionais, é inegável.

Nessa perspectiva, o presente trabalho mostra as contribuições da literatura infantil no processo educacional da criança, na primeira infância e apresenta uma leitura de duas versões do conto clássico Cinderela. Observamos que literatura infantil não deve ser vista como um simples passa tempo, mas como uma fonte de conhecimentos que proporciona ao indivíduo não só momentos prazerosos, mas a expansão de si mesmo, como afirma Cavalcanti (2009).

2 O CONTEXTO DA LITERATURA INFANTIL

O surgimento da Literatura Infantil ocorreu por volta do século XVII, com a publicação dos primeiros livros literários destinados à criança, pois até então, havia uma grande indiferença com relação ao mundo infantil. Naquela época, não se tinha uma representação literária voltada especificamente para a fase da infância, considerando a criança como “um adulto em miniatura”, e isso fazia com que a produção de textos para essa fase fosse bem escassa (CADEMARTORI, 2006).

No entanto, a partir da organização dos contos infantis realizada por Charles Perrault, o público infantil passou a ser reconhecido por sua faixa etária. Além disso, segundo Cademartori (2006), esses contos possuíam um papel pedagógico muito forte, fazendo com a criança aprendesse modos de comportamento adequados e aceitos pela sociedade burguesa.

Constituindo-se como gênero literário, a literatura infantil dividiu-se em dois grandes momentos: a literatura lendária e a escrita. Isso ocorreu mediante a necessidade que os pais sentiam de se comunicarem com seus filhos e de conversarem sobre fatos rotineiros que aconteciam no dia a dia. Daí, nasceu literatura lendária, cujos relatos eram transmitidos oralmente.

A literatura infantil escrita objetivava contribuir na formação e na aprendizagem do indivíduo. Zilberman (2003) explica que: “Seu nascimento,

tem características próprias, pois decorre da ascensão da família burguesa, do novo status concedido à infância na sociedade e da reorganização da escola”. (p. 33)

Diante dessa perspectiva, pode-se perceber a necessidade de aumentar de maneira significativa a produção de livros infantis com características adequadas para a infância, já que todos os olhares estavam se voltando para a criança.

A partir dessa nova realidade, a literatura infantil vai se transformando em um importante instrumento didático-pedagógico, considerando que a mesma contribuía na construção da aprendizagem e no desenvolvimento dos mais variados aspectos humanos, estimulando no indivíduo suas múltiplas capacidades.

Segundo Cunha (2006):

O caminho formador da literatura infantil vinculou-a, desde sua origem, a objetivos pedagógicos. Ora, isto cria uma tensão entre o saber sobre o mundo da literatura (que diz “o mundo é assim”) e o ideal da pedagogia (que diz “o mundo deveria ser assim”). Tal tensão é o grande desafio da obra destinada ao público infantil que, não solucionado, muitas vezes, abala o seu próprio estatuto literário. (p. 105)

3 AS PRIMEIRAS PUBLICAÇÕES DA LITERATURA INFANTIL

A literatura é uma linguagem específica que expressa sentimentos, experiências, cultura e linguagem de uma determinada nação, por isso, em cada época e lugar vai sendo produzida e reproduzida ao seu modo (CUNHA, 2006).

A literatura infantil abre novos caminhos para a produção de diversos textos infantis, tendo como principal objetivo preparar a criança burguesa para enfrentar o futuro. Nessa direção, o conceito de literatura infantil originou-se a partir do momento em que as preocupações começaram a se voltar exclusivamente para o público infantil.

A história da Literatura infantil tem relativamente poucos capítulos. Começa a delinear-se no final do século XVIII, quando a criança

passa ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta. (CUNHA, 2006, p.22)

Durante o período de transição da Idade Média, a partir das influências celtas, a literatura infantil se expandiu por meio de duas fontes muito ricas: a popular, advinda da sabedoria da vida cotidiana; e a culta, baseada nas novelas de cavalaria, que encantavam toda a corte burguesa pela aventura e heroísmo.

Esse gênero literário abre novos caminhos para a produção de diversos textos infantis, tendo como principal objetivo preparar a criança burguesa para enfrentar o futuro. As primeiras obras escritas que marcaram o início da literatura infantil foram publicadas provavelmente entre os anos de 1628 e 1703, na França, por Charles Perrault. Dentre as suas obras, destacaram-se “Os Contos da Mamãe Gansa”, “O Gato de Botas”, “O Barba Azul”, “Cinderela”, “Chapeuzinho Vermelho”, dentre outros, que encantavam não somente os pequeninos, como também, aos adultos. Tais contos faziam parte de uma coletânea recolhida da memória do povo, e veio a consolidar-se como Literatura Clássica Infantil através das contribuições dos Irmãos Grimm com a publicação de “Rapunzel”, durante o século XVIII na Alemanha.

Nesse mesmo sentido, surge na Grécia o intelectual Jean de La Fontaine que também se dedicou a colecionar as histórias orais da população local. O universo das fábulas eram compostos por: “A Raposa e as Uvas”, “A Cigarra e a Formiga”, dentre outros bastante famosos.

O autor dinamarquês Hans Christian Andersen consolidou o famoso “O Patinho Feio”; o italiano Collodi firmou o castigo para as crianças que mentiam, em “Pinóquio”; o inglês Lewis Carroll investiu na literatura fantástica em “Alice no país das Maravilhas”; o americano Frank Baum construiu “O Mágico de Oz” e o escritor britânico James Barrie deu vida ao *menino que não queria crescer*, em “Peter Pan”.

No Brasil, os livros destinados à infância começaram a circular entre os séculos XIX e XX, período em que ocorriam no país várias transformações relacionadas à solidificação do regime capitalista e político: a República, adotada em 1889, substituía a Monarquia do Imperador de Dom Pedro II.

Com a urbanização das cidades, as pessoas passaram a exigir publicações modernas e voltadas para um público diversificado. Sendo assim, no desejo de mudar de uma vida rural para a urbana, a sociedade começa acreditar na formação escolar, confiando ser o melhor caminho capaz de possibilitar uma transformação (CADEMARTORI, 2006).

Com a ascensão da classe média urbana, denominada classe burguesa, as reivindicações começaram a serem atendidas em diversos aspectos: liberdade política, mais oportunidade de trabalho e melhoria para a educação. Sem mencionar que a publicação dos livros literários e escolares destinados à infância, é fortalecida pelos professores e intelectuais da época, levando as editoras a valorizarem a nossa cultura brasileira. Albino (2009, p. 6), explica que:

As editoras começam a prestigiar o gênero, motivando um aumento vertiginoso da produção, bem como a adesão progressiva de alguns escritores da nova e atuante geração modernista que incorporam, nas obras destinadas às crianças, algumas inovações temáticas e estilísticas, como a valorização da cultura nacional e da oralidade, já presentes em alguns textos da literatura adulta.

Nesta perspectiva, o uso da literatura infantil tornou-se essencial para exercitar e estimular a imaginação, levando as crianças a interagirem com as obras, já que através do contato com mesmas, elas são introduzidas no universo escrito e assim, sentem a necessidade de descobrirem o significado dos códigos e decifrá-los, construindo o seu próprio saber. De acordo com Zilberman (1984):

As pessoas aprendem a ler antes de serem alfabetizadas. Desde pequenos, somos conduzidos a entender um mundo que se transmite por meio de letras e imagens. O prazer da leitura, oriundo da acolhida positiva e da receptividade da criança coincide com um enriquecimento íntimo, já que a imaginação dela recebe subsídios para a experiência do real, ainda quando mediada pelo elemento de procedência fantástica. (p. 107)

Nesse contexto, a literatura infantil tornou-se um apoio para a criação de uma identidade nacionalista. Assim, diante da precariedade de livros destinados à educação, ela passou também a desempenhar um papel pedagógico, ou seja, a contribuir de maneira significativa para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem do indivíduo.

No ano de 1915, as obras literárias nacionais foram aos poucos se diversificando com o surgimento de diversos autores. O grande marco da literatura infantil brasileira é a obra de Monteiro Lobato, por inúmeros livros produzidos para a criança. Essa obra literária obteve tanto sucesso na época que foi adotada pelo governador de São Paulo e inserida no programa de Educação das escolas públicas da cidade.

A utilização da literatura infantil na escola foi se tornando uma ferramenta fundamental para exercitar e estimular a imaginação e a criatividade da criança, considerando que quando utilizada como suporte pedagógico e como parte integrante no processo de aprendizagem, ela enriquece o ensino (ABRAMOVICH, 1997).

4 A LITERATURA INFANTIL E OS CONTOS DE FADAS

Percorrendo a história da literatura, percebemos que os contos de fadas existem a milênios de anos em todo o universo. De acordo com Abramovich (1997), “a origem mesmo da literatura infantil como a conhecemos se confunde com o registro escrito dos contos de fadas, pois eles já existiam na cultura oral muito antes disso” (p.120).

A priori, a literatura infantil foi essencialmente fantástica, tendo em vista que neste tempo o conhecimento científico que envolvia os variados fenômenos naturais da vida neste planeta era inacessível ao ser humano, fazendo com que o pensamento mágico exercesse um forte domínio sobre o pensamento lógico.

Nesse período de tempo em que a magia imperava, já começava a se revelar inúmeras preocupações referentes à interação do ser na sociedade em que estava inserido. Tal período corresponde às histórias que eram narradas oralmente pelos mais velhos para os pequeninos, isso porque a maioria das narrativas era contada pelos camponeses que buscavam proporcionar momentos de entretenimento para seus filhos, pois não tinham o conhecimento da leitura e da escrita.

É a partir dessas histórias que a literatura tida como arcaica começou a ser transformada, dando vazão a literatura infantil, tal qual conhecemos hoje. Logo pode se perceber que os contos atraíam à criança pelo fascínio e

encantamento que possuíam, proporcionando-a momentos prazerosos e estimulando seu imaginário à medida que iam ouvindo.

Nessa perspectiva, o estudioso Bettelheim (2002) explica que:

Através dos séculos (quando não dos milênios) durante os quais os contos de fadas, sendo recontados, foram-se tornando cada vez mais refinados, e passaram a transmitir ao mesmo tempo significados manifesto e encobertos-passaram a falar simultaneamente a todos os níveis da personalidade humana, comunicando de uma maneira que atinge a mente ingênua da criança tanto quanto a do adulto sofisticado. (p.6).

Daí, podemos ressaltar que os contos de fadas passaram a influenciar de forma significativa o desenvolvimento das diversas capacidades cognitivas, considerando que eles estimulavam a mente humana e a formação da personalidade.

5 A IMPORTÂNCIA DO OUVIR ESTÓRIAS NA SALA DE AULA

Uma das mais antigas tradições é a contação de estórias que teve a sua origem muito antes de elas serem escritas. Ao longo do tempo, os contos infantis passaram a ter grande importância para o desenvolvimento da criança por direcioná-la ao maravilhoso e o desconhecido mundo da fantasia e por contribuir na formação de atitudes e pensamentos favorecendo a construção da personalidade (CAVALCANTI, 2009).

No decorrer do tempo, os contos de fadas foram se modificando, passando a envolver não somente as crianças, como também, as pessoas adultas. Nessa perspectiva, esses contos tornaram-se o ápice da fantasia para o período da infância, já que nessa faixa etária, são vivenciados os sonhos e as experiências como um mundo totalmente mágico, onde heróis e heroínas, duendes e fadas e seres inanimados ganham vida e possuem características humanas, tudo isso por meio da imaginação aguçada que as crianças possuem.

Neste sentido, vale salientar que os contos de fadas são um instrumento valioso para a formação do indivíduo em relação a si próprio e ao mundo a sua

volta, já que possibilita a compreensão de certos valores da conduta do homem no convívio social.

A utilização da literatura infantil na sala de aula é de grande importância para o desenvolvimento da linguagem comunicativa por estimular na criança o interesse pela leitura, despertando sua curiosidade em relação à busca de novos saberes, além de explorar o mundo ao seu redor de maneira positiva, propiciando à criança inúmeras possibilidades educativas ao longo do processo ensino aprendizagem (CAVALCANTI, 2009).

Sabemos que a escola é o ambiente principal onde acontecem os primeiros contatos da criança com os livros literários. Através da literatura infantil começa a buscar uma forma de manifestar seus conhecimentos e sentimentos identificando-se muitas vezes com os personagens do conto, vivenciando novas descobertas e aprendendo a lidar com situações existentes do dia a dia. De acordo com Cavalcanti (2009), [...] *“A literatura pode ser para criança um aspecto para a expansão do eu ser.”* (p.39)

Sabemos que quanto mais cedo a criança ouvir histórias, mais desenvolvida ela se tornará, pois é na infância que suas capacidades estão se desenvolvendo. Nessa direção, é importante que o professor leia para ela, objetivando estimular-lhe a imaginação e levando-a a adquirir conhecimentos e ideias por meio dos inúmeros personagens que ajudarão a entender as dificuldades existentes na vida. Coelho (2000) mostra como a contação de histórias é essencial para o equilíbrio da criança e a superação de alguns sentimentos que dificultam seu crescimento emocional:

Identificada com os heróis e heroínas do mundo do maravilhoso, a criança é levada, inconscientemente, a resolver sua própria situação superando o medo que a inibe e ajudando-a a enfrentar os perigos e as ameaças que sentem à sua volta e assim, gradativamente, poder alcançar o equilíbrio adulto. (p.55)

Evidentemente que ler histórias para criança deve ser uma atividade contínua, na qual o professor busque despertar por meio das narrativas dos contos o desejo de conhecer novos mundos e novas personagens, como a “Bela e a Fera”, “Cinderela”, O valente cavaleiro Dom Quixote. Sobre isso, Chalita (2003) aponta que: “Sem o passaporte mágico dessas narrativas é

difícil conceber viagens, aventuras, temores, medos e receios imaginários fundamentais ao nosso desenvolvimento intelectual e emocional”. (p.10)

Para isso, é fundamental que o educador procure aproximar a literatura infantil da criança, interagindo com ela através da oralidade, e considerando que nessa primeira fase da infância não há o domínio da escrita. É necessário que se obedeça a alguns critérios como a tonalidade da voz, a expressão corporal e facial, o ritmo da fala e os efeitos dramáticos que acompanham o desenrolar da narrativa. Segundo Cortes (2006):

Ler histórias para as crianças, sempre, sempre... É suscitar o imaginário, e ter a curiosidade respondida em relação à tantas perguntas e encontrar outras ideias para solucionar questões- como os personagens fizeram - é estimular para musicar, para teatralizar, para brincar... Afinal, tudo pode nascer de um texto (p.79).

Todavia é preciso que o contador de histórias busque criar um ambiente favorável a imaginação da criança, na tentativa de envolvê-la no período da narração do conto. Também faz-se necessário que as histórias sejam de curta duração para não tornar cansativa e desinteressante o momento da contação, já que nessa fase elas apresentam muita energia e por isso não conseguem ficar paradas por um tempo mais prolongado.

Nessa perspectiva, as histórias literárias devem ser bem trabalhadas na sala de aula incentivando a vivência de novas aprendizagens que venham a ajudar a criança a entender melhor suas inquietações e seus questionamentos possibilitando o desenvolvimento emocional.

Para que uma história prenda bem a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar clara suas emoções; estar harmonizadas com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e ao mesmo tempo sugerir soluções para os problemas que a perturbam. (BETTELHEIM, 1996, p.13)

6 UMA LEITURA DE DUAS VERSÕES DE CINDERELA E A CONTAÇÃO

Podemos encontrar os mais diversos personagens dos eternos contos de fadas, na intertextualidade e diálogo entre os contos clássicos e a contemporaneidade. O registro das histórias clássicas possibilitaram algumas

releituras feitas por autores brasileiros que passaram a estabelecer uma união entre obras supostamente muito distintas. De acordo com Proença Filho (1988):

Torna-se frequente também a presença marcante da intertextualidade à luz das teorias de Bakhtin, do diálogo ou cruzamento de vários textos. Na literatura contemporânea, isso se dá com o aproveitamento intencional de obras do passado. (p. 39)

“Cinderela”, o conto de fadas clássico de Charles Perrault, recebeu diversas releituras, sejam literárias, sejam em outras mídias. O conto narra a história da menina que, após perder sua querida mãe, ver-se maltratada e angustiada nas mãos de uma terrível madrasta e suas filhas. Um século após o surgimento do conto, os Irmãos Grimm também recontaram a história, intitulando-a de “A Gata Borralheira”. A diferença entre as duas versões é que, na dos Irmãos Grimm, não temos a figura da Fada-Madrinha (CADEMARTORI, 2006).

“Um par de tênis novinho em folha”, de Pedro Bandeira (1999), é uma releitura contemporânea de Cinderela. A narrativa conta a história da protagonista Caroline, uma jovem sonhadora que almejava uma vida de rainha, tal como acontecia nos contos de fadas. O próprio nome da personagem é uma referência aos nomes de princesas.

Muitas vezes, na contação de uma adaptação, temos que ser cuidadosos com a recepção da criança em relação ao novo. Se elas já conhecerem o conto clássico, poderão estranhar bastante os deslocamentos ou se identificar com as novidades, fatos bem mais próximos de sua época. Segundo Cademartori (2006), “as meninas querem ser princesas, porque ser princesa significa ter tudo, um palácio onde não lhes falte nada, um reino mágico e de sonhos, um príncipe encantado, com quem poderão viver felizes para sempre”. Em “Um par de tênis novinho em folha”, esses anseios são modificados pelos perigos da cidade grande e dificuldades sociais, o que deve ser mostrado com cuidado as crianças.

É preciso que haja um discernimento das diferenças de meados do século XVII, que eram criadas para esperar o seu príncipe encantado e viver feliz para sempre, da mulher de hoje. A reatualização enfoca a mudança no comportamento, no estilo de vida, e na visão em relação

a essa mulher, que busca cada vez mais seu espaço. (RESINA, 2011).

A protagonista Caroline se encaixava num papel de uma jovem contemporânea, trabalhadora, decidida, corajosa e persistente, a jovem vive uma vida agitada, mas não perde a doçura nem a fantasia de uma adolescente que sonha com dias melhores e felizes. Assim como Cinderela, possui uma madrasta que coloca obstáculos na realização de seus objetivos.

Como toda menina do seu tempo, Caroline sonhava em casar-se com um príncipe. A partir de um convite para participar da festa de aniversário de sua colega de classe, tida como a garota mais rica da escola, surge a grande oportunidade de conhecer o amor de sua vida. Mas como realizar esse sonho se ela não tinha roupas apropriadas para o evento, muito menos o sapato ideal?

É daí que Simone, sua melhor amiga, decidiu ajuda-la na realização do seu sonho, tornando-se sua fada madrinha. Mas não como as dos contos clássicos, as quais resolviam as maiores dificuldades num passe de magia e sim como a fada madrinha do mundo contemporâneo, usando sua inteligência e artimanhas, para conseguir o melhor presente para Caroline, um par de tênis, para que assim a sua amiga pudesse ir à festa: “E Simone tentou substituir o enjoo que lhe dava a lembrança da língua pastosa de Xavier, pela alegria que ela podia ler no rosto de sua melhor amiga. Tinha valido a pena.” (BANDEIRA, 1999, p. 21).

No conto clássico, durante o baile Cinderela dança com o príncipe. É nesse pequeno espaço de tempo que os dois jovens experimentam a magia do amor que flui em seus corações, deixando-os completamente apaixonados um pelo outro. Contudo, Cinderela não revela sua identidade para o seu amado e, ao partir da festa sob a condição da magia da Fada-Madrinha, deixa cair um de seus sapatinhos de cristal. Na tentativa de encontrar sua amada, o príncipe percorre todo o reino na esperança de encontra-la. Depois de muitas tentativas, a sua busca chega ao fim e ele a encontra em suas simples vestes, porém com a mesma beleza que o encantara.

Já Caroline, consegue ir ao baile com o auxílio de Simone e lá conhece um lindo rapaz, bem vestido e muito sedutor, o qual também demonstra de imediato seu interesse por ele. Assim como aconteceu conto Cinderela,

Caroline e seu príncipe vivem momentos inesquecíveis naquele baile. Entretanto, ela precisava voltar cedo para sua casa, antes que sua madrasta notasse a sua ausência. Todavia, no momento em que sai correndo, deixa para trás não um sapato de cristal, mas o lindo par de tênis que recebera da amiga.

Sem saber quase nada a respeito de seu amado, Caroline imaginava que ele seria um jovem muito rico, que lhe daria uma vida de princesa, conforme nos contos de fadas. Após alguns dias, ela é surpreendida com um rapaz que bate à sua porta em busca da dona do tênis e ao confrontá-lo Caroline descobre que o príncipe dos seus sonhos era apenas um office-boy. Mesmo não sendo um rapaz rico, Caroline aceita seu príncipe e aposta que juntos eles também serão felizes para sempre.

Vemos, então, que os deslocamentos criados pelo conto contemporâneo oferecem ao jovem leitor a oportunidade de adentrar um outro contexto da história, complementa-lo, discuti-lo, aceita-lo como um novo texto. Este, no entanto, é bem mais próximo de sua realidade, no qual ele também percebe que podem existir finais felizes.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletirmos sobre a importância da literatura infantil para o desenvolvimento da criança, no primeiro ciclo educacional, buscamos verificar da contação de estórias, sobretudo, os deslocamentos e recontos das histórias clássicas. Unido ao cotidiano de sala de aula, a contação e os contos de fadas possibilitam uma aprendizagem prazerosa e despertam o interesse para o início da atividade de leitura, em que o aluno poderá acessar muitas outras histórias.

Cabe ressaltar que a contação de estórias sempre fascinou o ser humano, uma vez que o som da voz, os olhares, o gesto, as expressões faciais, ficam gravados na memória, levando os ouvintes a uma viagem por outros mundos através das estórias que são narradas.

Segundo Cademartori (2006), os contos trazem inúmeras contribuições para o ensino infantil. A ampliação do vocabulário, o desenvolvimento da atenção e concentração na linguagem do outro, a interação com os demais ouvintes e a história que está sendo contada.

Por fim, vale ressaltar a importância em apresentar diversas versões dos contos tradicionais, para que a criança busque as semelhanças e diferenças na narrativa e comece a construir múltiplas leituras. É fundamental que as escolas incentivem, através dos contos e seu reconto, o prazer pela literatura infantil.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVCH, F. Literatura infantil: **Gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

ALBINO, Lia Cupertino Duarte. **A Literatura infantil no Brasil: origem, tendência e ensino**. Ourinhos: Literattu, 2009.

BANDEIRA, Pedro. **Sete faces do conto de fadas**. São Paulo: FTD, 1999.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: paz e terra. 1996.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da Literatura infantil e Juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. 3 ed. São Paulo: Paulus, 2009.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia do amor: a contribuição das histórias universais para a formação de valores da nova geração**. São Paulo: Gente. 2003.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: Teoria, Análise, didática**. 7 ed. São Paulo: Moderna, 2000.

CORTES, Maria Oliveira. **Literatura Infantil e contação de histórias**. Viçosa/MG: CPT, 2006.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e prática**. São Paulo: Ática, 2006.

PROENÇA FILHO, Domício. **Pós- modernidade e Literatura**. Série princípios. São Paulo: Editore Ática, 1988.

RESINA, Maria Madalena. **A manipulação dos contos de fadas**. Disponível em: <http://www.assis.inesp.br/posgraduação/letras/mis/pdf/v6/maria.pdf>. Acesso em 23 de Outubro de 2014.

ZILBERMAN, Regina. Literatura Infantil: Livro, Leitura, Leitor. In: **A produção cultural para a criança**. São Paulo: Mercado Aberto, 1984.

_____. **A Literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.